

Liberdade

Ao percorrer os três andares que compõem a exposição “Liberdade”, de Solange Escosteguy, o espectador talvez tenha a confirmação do elemento que acompanha toda a sua produção: a experimentação com a cor. Nota-se desde a entrada da galeria a parede vermelho-batom que a artista cuidadosamente selecionou para nos recepcionar - essa cor faz um *pendant* não apenas com o quadro que dá nome à sua individual, mas também se vê refletida em outros trabalhos e nas paredes brancas ao seu redor. A cor, logo, se torna uma discreta iluminação do espaço.

Como a própria artista gosta de dizer, seu percurso vai “da cor à palavra” – e começamos, no primeiro andar, com obras que são fruto da união entre ambas. Nos últimos dois anos, desde que retornou ao Rio de Janeiro, a artista tem se dedicado a pensar trabalhos em que a palavra é lançada como uma semente para o espectador que se torna responsável por vê-la crescer a partir de seu próprio repertório. Algumas delas vem de um campo semântico que remete a mensagens explicitamente políticas – como quando a artista escreve “basta”, faz um “X” ao centro da composição e abaixo diz “pazpazpaz”. Outras de suas escolhas soam mais hedonistas, mas são rapidamente negadas – a artista afirma “sorria”, mas pinta sobre a palavra, novamente, um “X”. Por fim, uma terceira tentativa de agrupar os trabalhos também nota momentos em que frases poéticas estão presentes: “a lua agora vive / na casa onde se mora” - um haikai de seu pai, Pedro Escosteguy) -, diz um de seus quadros verticais forrado com acrílico.

Como em tudo relacionado à sua pesquisa, não nos iludamos com a aparição dessas palavras – seu uso não é ingênuo e todas elas são pensadas milimetricamente. Não à toa, apenas como exemplo, o seu quadro que proclama “liberdade” tem a sua escrita em diversas orientações – conseguimos lê-lo, mas essa forma de escrever pode ser uma metáfora provocativa para a impossibilidade de conseguirmos ser livres. Além da aplicação das cores, essas telas são superfícies para a experimentação de materiais – plaquinhas antigas de identificação, telas de proteção e tubos de plástico são alguns deles. Esses trabalhos, portanto, se misturam com o mundo e negam qualquer leitura de uma pureza da pintura nessa série.

Essa série cria um diálogo interessante com outras da artista incluídas na exposição e vindas de momentos anteriores de sua produção. No segundo e terceiro andares da

galeria, vemos tanto algumas de suas “Anti-caixas” – datadas dos anos 1980, mas produzidas desde a década de 1960 -, quanto obras de parede de sua série das “Construções”, da mesma década. Em todos esses trabalhos, não apenas a cor está presente, como também o seu constante desejo de experimentação – as “Anti-caixas” seguem na esteira do questionamento sobre o lugar do objeto na arte contemporânea, ao passo que as “Construções” tensionam os limites da pintura e seus formatos convencionais.

Desde os anos 1960, quando Solange inicia sua pesquisa como artista visual por meio das “Anti-caixas” e das roupas que cria para seus desfiles-happening, a interação ativa do corpo do público se faz presente em parte de sua produção. No terceiro andar da exposição, a artista propõe um trabalho novo em que o público novamente pode interagir – aqui de maneira lúdica, tal qual uma brincadeira de criança ou mesmo os tradicionais jogos das festas juninas. Um *panneaux* de tamanho grande traz vários buracos e, em cada um deles, uma palavra é escrita – o arco semântico delas é novamente amplo e passa por sentimentos, palavras de ordem e termos que remetem tanto aos direitos humanos, quanto ao fascismo que tem abalado o mundo nos últimos anos. Instalados em uma parede à sua frente, uma nova série de quadros em pequena dimensão pode ser vista como um conjunto de placas que sinalizam caminhos possíveis para um futuro que diariamente nos assusta e se pinta cada vez mais como incerto.

É nesse momento que temos a certeza de que a “Liberdade” pela qual essa exposição e a pesquisa de Solange Escosteguy clama não é aquela das técnicas, materiais e cores do campo das artes visuais – muito mais do que isso, a artista deseja um mundo em que a humanidade possa se enxergar livre por meio de uma sociedade mais igualitária quanto a seus direitos legais, sua distribuição econômica e seu respeito quanto às nossas diversas diferenças culturais e existenciais. Seria isso um dia possível?

Não sabemos, mas enquanto aguardamos a passagem do tempo, a artista acredita no fazer da arte como uma atividade que ainda liberta – e cada um de nós sabe do que gostaria de se ver livre.